

Da Escola à Universidade: a formação continuada dos professores de música e o processo de transformações das práticas pedagógicas

Simpósio

Rodrigo Cantos Savelli Gomes
Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis
rodrigocantos@hotmail.com

Waleska Regina Becker Coelho de Franceschi
Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis
waleska.pmf@gmail.com

Rose de Fátima Pinheiro Aguiar e Silva
Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis
rfpasilva@hotmail.com

Claudia Roberta Yumiko Tristão
Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis
claudia.tristao@prof.pmf.sc.gov.br

Rafael Martins Gonçalves
Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis
rafael.goncalves@prof.pmf.sc.gov.br

Viviane Beineke
Universidade do Estado de Santa Catarina
vivibk@gmail.com

Resumo: A presente Rede Municipal de Educação mantém constante parcerias com instituições do ensino superior, recebendo em suas unidades educativas universitários para o desenvolvimento estágios curriculares, projetos de extensão e pesquisa. Nos últimos anos, tem aumentado a parceria entre a Universidade e Secretaria Municipal de Educação por meio do ingresso de diversos professores de rede no Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes), modalidade de Pós-Graduação em que os professores pesquisam práticas as práticas escolares em seu próprio contexto de atuação. Tais pesquisas, desenvolvidas no âmbito do Prof-Artes, fazem parte do programa de formação continuada oferecido pela rede municipal, por meio da qual, é facilitado e estimulado o ingressos dos profissionais com a concessão de licença remunerada. Desde 1998, na Rede Municipal de Educação, a formação continuada dos professores de música é entendida pelos gestores neste âmbito municipal, como parte integrante e essencial no processo de transformações das práticas pedagógicas, bem como, no enfrentamento dos desafios no campo da educação na atualidade. Sendo assim, este simpósio tem por objetivo socializar ações as ações formativas entendidas como centralizadas e descentralizadas, seus desdobramentos curriculares, e as articulações com a instituição superior de formação inicial. Neste sentido, destacamos proposições que

contribuem na consolidação desta linguagem como área de conhecimento curricular, que fortalecem o posicionamento dos docentes como professores e pesquisadores e que colaboram na ampliação de territórios educativos na trajetória desta área de docência. Deste percurso, queremos ressaltar algumas experiências significativas da formação continuada oferecida pela rede municipal, experiências no âmbito da interdisciplinaridade, na educação das relações étnico-raciais, nos distintos entendimentos e usos e da percussão em sala de aula, bem como nos conteúdos específicos do ensino musical curricular. Busca-se, a partir desta experiência municipal, contribuir para que o Ensino Curricular de Música continue conquistando espaços significativos nas escolas brasileiras, seja nos âmbitos municipais, estaduais e federais.

Palavras-chave: formação continuada; interdisciplinaridade, educação das relações étnico-raciais, percussão.

Entrelaçamentos Formativos na Tessitura docente dos Professores de Música: Consolidando uma Experiência de Ensino Curricular de Música

Waleska Regina Becker Coelho de Franceschi
Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis
waleska.pmf@gmail.com

Rodrigo Cantos Savelli Gomes
Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis
rodrigocantos@hotmail.com

Resumo: Neste relato apresentamos dados históricos e reflexões sobre a formação continuada dos professores no processo de implementação do Ensino Curricular de Música no âmbito da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, tendo como recorte temporário os últimos vinte e um anos. Iniciamos as ponderações com a contratação através de concurso público específico fomentada pelas discussões do Movimento de Reorganização Didática Municipal, e pontuamos aspectos até o ano atual. Destacamos as afirmações explicitadas textualmente nos documentos curriculares publicados, na intencionalidade de socializar os diferentes entrelaçamentos formativos destes que são professores, artistas e pesquisadores, e destacando as ações pedagógicas coletivas no contexto da educação musical.

Palavras-chave: formação continuada; ensino curricular de música; gestão pública.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional promulgada em 20 de dezembro de 1996 desencadeou várias modificações no cenário educacional brasileiro, especificamente para as Artes, não somente com a mudança de nomenclatura – de Educação Artística para Arte – associada aos parâmetros de cada uma das linguagens artísticas, mas também com a transformação curricular dos cursos de licenciatura neste âmbito e do campo de atuação profissional para os professores.

No contexto educacional público, a Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, na qual estamos inseridos como professores de Artes, conduziu encaminhamentos que possibilitasse ações pedagógicas e administrativas à adequação ao momento histórico. Sendo assim, com o objetivo de atender também esta demanda, teve início, em 1997, o MRD - Movimento de Reorganização Didática da Educação Básica, num amplo processo de discussão com e para a Rede Municipal de Ensino, por iniciativa da Secretaria Municipal de Educação em parceria com a Universidade Estadual de Santa Catarina.

Enquanto política de gestão, este Movimento de Reorganização Didática representou um divisor de águas porque, a partir dele, o ensino de Artes ampliou gradativamente suas ações e começou a obter maior visibilidade e reconhecimento educacional, pois favoreceu a implantação do ensino curricular de Artes com habilitações específicas (teatro, música e artes visuais), ou seja, passaram a atuar nas escolas da Rede Pública Municipal de Educação professores formados e contratados para atuar em uma linguagem específica. Cabe, salientar neste contexto municipal que antes do Movimento de Reorganização Didática as aulas de Artes eram prioritariamente do ensino curricular de Artes Plásticas e que o ensino das demais áreas da linguagem artística aconteciam através de projetos e oficinas ministradas de forma extracurricular e com a característica de descontinuidade principalmente nos ciclos de mudanças de gestores.

Para a maior compreensão deste cenário municipal, é importante destacar que atualmente a Rede Municipal de Ensino possui em seu quadro de docentes 107 professores de Artes, porém estão atuando como efetivos em sala de aula 28 de música, 19 de teatro, 9 de dança e 25 de artes visuais. Os demais professores efetivos estão de licença aperfeiçoamento ou designados para outras funções, e ainda, neste total estão incluídos os professores substitutos que são contratados anualmente por processo seletivo.

Independente das mudanças de gestão municipal, o reconhecimento que a formação continuada dos profissionais da educação é parte integrante e essencial no processo de mudanças e inovação das práticas pedagógicas, bem como, no enfrentamento dos desafios no campo da educação na atualidade. Esta afirmação política pedagógica, tem os documentos municipais publicados e a garantida com a inserção da hora atividade em tempo e remuneração para todos os professores independente do processo de constituição do vínculo empregatício.

A tessitura formativa docente neste contexto e os documentos norteadores, pontuam a reflexão contínua do processo de formação e as suas influências nas decisões político-pedagógicas sobre o ensino e sendo justificada na intencionalidade de superação de práticas pedagógicas cristalizadas na tradição escolar que não conseguem criar condições para promover criação de significados nas aprendizagens que contemplem a historicidade dos estudantes.

Este presente relato é escrito na representatividade de um coletivo educacional artístico e principalmente musical, pretendendo ampliar os horizontes dialógicos sobre o entendimento e a construção já apontada em documentos curriculares, ou socializada na oralidade ou ainda difundida em grupos de pesquisa. Destes 21 anos de docências curriculares específicas nas diferentes áreas artísticas, é importante destacar que o grupo de professores de Artes e, especialmente os professores da área de Música, se fazem presentes na escrita de todas as formulações documentais oficiais desta Rede Municipal de Educação e nas atividades docentes que se pretendem fomentar a continuidade dos processos formativos dos profissionais da educação principalmente no âmbito artístico e cultural.

Para garantir a formação continuada como política, este município legitima esta proposição através de documentos que garantem a organização geral, em termos de tempos e espaços formativos, recursos financeiros, consultorias externas, publicação de documentos, realização de eventos, garantia de licença remunerada para estudos. No entanto, não é possível pensar e organizar a formação continuada em serviço e para servidores docentes especialmente com o intuito de aprimorar a formação de cada um dos profissionais, especialmente na área de Música, somente pautado em estudos dos conteúdos científicos da área, sem que a formação continuada esteja firmada a um compromisso bem mais alargado com vistas à formação cidadã. Sendo assim, é necessário um entendimento interdisciplinar que fomente a transformação e redimensione o fazer pedagógico, a composição dos espaços e tempos escolares, dentre outros aspectos.

Para alcançar este objetivo formativo, é necessário romper com os modelos tecnicistas de formação que fazem com que os professores assumam uma condição de passividade e pouca reflexividade em suas práticas educativas, se tornando meros executores do currículo. Reconhecer que cada professor é fundamental para a tessitura da formação é um imperativo, o que implica em assegurar a efetiva participação nas definições e decisões de todo o processo de formação, pois são os professores que possibilitam, a partir da problematização da realidade, emergir as necessidades e demandas e pensar coletivamente alternativas de solução.

Neste contexto, faz-se necessário a constante reelaboração das práticas de formação continuada, onde se propiciem momentos em que os profissionais da educação aprendam

juntos através do compartilhamento de suas experiências e estudos pessoais, contribuindo para a qualificação das práticas pedagógicas na rede e o exercício permanente do pensar sobre o sentido do currículo e criar novas possibilidades de organização da escola.

Neste âmbito, desde o Movimento de Reorganização Didática os profissionais da educação são concebidos como os próprios sujeitos de sua formação que se dá pelas experiências provindas do cotidiano escolar, pelos projetos pedagógicos desenvolvidos no interior das escolas e, ainda, pelos estudos pessoais que realizam e pelas discussões coletivas que se convertem em fontes de aprendizagem e conhecimento. Sendo assim, almeja-se romper a ideia de que a formação continuada acontece somente nos cursos de formação organizados e ofertados pela Secretaria Municipal de Educação. Obviamente, os cursos se constituem como possibilidade de fundamental importância para os profissionais, no entanto, a formação continuada é constituída por outros espaços e por outros tempos formativos que vão sendo construídos, em um processo contínuo, dinâmico e interativo.

Nos encontros de formação realizados na Rede, como já mencionado, têm-se como fundamento a participação dos profissionais, oportunizando-lhes a voz que se revela de grande importância para a formação do coletivo com seus pares. A partir da realidade de cada um é possível problematizar as ideias e experiências vivenciadas - com suas dificuldades, problemas, desafios e soluções - nas salas de aula. Nesta direção, há a necessidade do professor relacionar a teoria e a prática, visto que, são inseparáveis mobilizando a reflexão como ação política indispensável para melhorar a qualidade social da educação.

Nessa perspectiva, urge reconhecer que não existe uma receita pronta para a construção de uma postura colaborativa e investigativa na formação continuada. No entanto, é possível que o profissional assuma o papel de produtor de conhecimentos resultantes de práticas de carácter colaborativo e reflexivo de formação, a partir do compartilhamento de experiências e conhecimentos com seus pares, onde a sala de aula é o ponto de partida e de chegada. Dessa forma, conforme os nossos documentos legais, são consideradas redes de formação continuada:

- os cursos de formação organizados pela Secretaria Municipal de Educação nas modalidades presenciais e à distância;
- as formações realizadas nas unidades educativas;

- a socialização das práticas pelos profissionais da educação, especialmente em seminários, fóruns, congressos, cursos diversos, e através da publicação de artigos, revistas, dentre outros;
- a formação individual dos profissionais em cursos de graduação e pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado) ou até mesmo através da participação em palestras e seminários, a leitura de livros, o acesso ao teatro e ao cinema, dentre outros importantes espaços para refletir sobre sua prática e aperfeiçoar sua formação;
- a experiência educacional com os estudantes;

Diante do exposto, podemos afirmar que os encontros de formação continuada podem ser destacados como um dos pontos fortes na consolidação do ensino de Música, pois a partir de encontros regulares, os professores dialogam, trocam experiências, aprimoram suas práticas e se atualizam sob o ponto de vista pedagógico e artístico.

No grupo de professores de música que atua neste âmbito municipal, todos possuem licenciatura em música, muitos continuam produzindo artisticamente para além das fronteiras educacionais e vários tem pós-graduação com mestrado e doutorado. Sendo assim, estes professores tem vivenciado o desafio de formação docente que possibilite esta concepção de professor artista pesquisador.

Portanto, como os professores deste componente curricular possuem o diferencial de serem professores, artistas e pesquisadores, a formação continuada também se constitui em um importante espaço para elaboração de pesquisas, criações artísticas coletivas e práticas de grupo. Sendo assim, em diferentes períodos os professores utilizam estes momentos coletivos para ensaiar os repertórios de cada área específica e potencializar a criatividade na experimentação de técnicas e possibilidades de composição. Ademais, os encontros de formação continuada também possuem a característica do exercício da experiência estética, incluindo o âmbito do espaço físico ocupado para este fim. Destarte, os encontros são planejados para acontecerem em estúdios, museus, teatros, galerias, cinemas e escolas constituídas para a finalidade específica de formação profissional artística, visando a contínua participação nos movimentos artísticos da cidade e a ampliação e fortalecimento do repertório linguístico dos professores.

Os encontros regulares de formação continuada têm propiciado a inserção dos professores de Música, assim como os das demais linguagens artísticas, nos diversos encaminhamentos que afetam diretamente o currículo escolar. Um exemplo dessa inserção está na participação efetiva dos professores nos processos de discussão, elaboração e revisão das propostas curriculares em diferentes momentos.

No ano 2000 foram disponibilizadas pela Secretaria Municipal de Educação publicações referentes ao Movimento de Reorganização Didática. Parte dos textos dessas publicações incorporam os resultados de discussões realizadas pelos professores de Música, enfatizando as especificidades da área artística, construindo, gradualmente as concepções para esse ensino e o aprimoramento das ações referentes ao ensino de Música nas escolas.

Em 2008, uma nova proposta de revisão curricular foi apresentada como resultado de discussões para o aprimoramento das ações curriculares, tendo em vista, inclusive, o estabelecimento legal do Ensino Fundamental de nove anos, o que demandou nova reorganização curricular e a publicação de relatos de experiência dos professores.

O ano de 2011 representou mais uma etapa importante para o ensino de Música no município. Nesse ano ocorreu a publicação de um livro com propostas de atividades, iniciativa de quatro professoras de Música e com o apoio da Secretaria Municipal de Educação, intitulada *O Ensino Curricular de Música – Uma Proposta de Atividades*. Neste período ocorreu também outro movimento de construção de uma matriz curricular, organizada pelos assessores pedagógicos em conjunto com os professores de cada componente curricular. O documento curricular que ficou caracterizado como ‘proposta em construção’, apesar de não ter sido publicado, foi socializado em toda a Rede Municipal de Educação. Para a área de Música, esse documento em construção adquiriu uma dimensão identitária devido à construção coletiva. Os planejamentos de aula passaram a ter como referência central as diretrizes dispostas nesse documento, de modo que os próprios professores efetivos de Música continuam socializando o documento com os demais professores que vem ingressando nas unidades educativas.

Em 2013, o ensino curricular de Artes foi ampliado para atender também os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A partir de então, ensino de Artes acontece em todas as unidades educativas do Ensino Fundamental no âmbito das escolas municipais e esta abrangência ocasionou novos desafios pedagógicos para a área de Música, entre os quais, a

revisão da proposta curricular que elaborada coletivamente em 2011 destinada apenas os Anos Finais. A conquista da hora-atividade para os pedagogos desencadeou a pluridocência nos Anos Iniciais, com o professor de 1º ao 5º ano compartilhando seu tempo na turma com o professor do Laboratório de Ciências, do Laboratório de Informática, de Educação Física, das Artes, Língua Estrangeira e com o professor Auxiliar de Ensino. Essa realidade criou uma nova demanda, focada especialmente no ensino das Artes para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e fazendo emergir no grupo de professores de Música a necessidade de estudos sobre as concepções atinentes à *criança* e à *infância*, assim como, discussões sobre a necessidade de uma organização pedagógica atenta à ressignificação e reorganização curricular nos primeiros anos escolares, fazendo com que o Ensino de Música esteja focado especialmente na aprendizagem, a qual envolve aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais.

Em 2016 a gestão municipal, organizou a publicação de Diretrizes Curriculares e de Matrizes Curriculares através de Cadernos Norteadores e realizou formações específicas para organização de matriz de referência objetivando a padronização do processo de Avaliação Educacional em Larga Escala, que inclui no componente curricular artes a área de Música. Com o discurso de que as Avaliações Externas vêm se consolidando nacionalmente nos últimos anos como indutoras de políticas públicas, esta referida Rede Municipal de Educação, utilizava uma avaliação em Larga Escala que foi implantada em 2007 para todas as áreas do conhecimento nos anos finais e que principiou com a metodologia TCT (Teoria Clássica do Teste) e que gradativamente seria migrada para a metodologia TRI (Teoria de Resposta ao item), porém na atual gestão municipal, não houve continuidade da prática de elaboração e de efetivação deste instrumento de avaliação atendendo as solicitações da maioria dos professores do corpo docente.

Foram realizados diversos eventos e seminários com o intuito de socializar as práticas do ensino de Música desde 1998. Muitos desses encontros educacionais foram organizados por diferentes assessores, porém o destaque está nos seminários de Música propostos pelos próprios professores, que motivados pelas reflexões originadas no Congresso da ABEM realizado em Pirenópolis, iniciaram a organização coletiva destes seminários. Desde então, tem sido uma ação formativa já agendada no calendário anual buscando ampliar as

parcerias, com a participação de profissionais e pesquisadores de diferentes universidades e associações.

O I Seminário de Educação Musical da Rede Municipal de Ensino, com a temática: “O Ensino Curricular de Música na RME: Interfaces na Prática da Linguagem Musical”, aconteceu no dia 21 de outubro de 2014 e apresentou na programação uma mesa redonda intitulada “Ensino de Música – Diálogos e Interações”, contando com a participação de dois professores doutores que acompanham a trajetória do ensino de música neste âmbito municipal e uma professora mestre responsável pelos estágios de docência da Universidade Estadual de Santa Catarina. Este I Seminário contou com a apresentação artística de um grupo de professores e de grupos de alunos de duas Escolas Básicas da Rede Municipal de Educação, além de seis relatos de experiência dos professores de Música, com os títulos: “Experiência de Brincar com o Fazer Artístico”; “Possibilidades de Performance Musical”; “Música nos Anos Iniciais”; “Experiência no PIBID Interdisciplinar”; “Rap na Escola”; “Interdisciplinaridade nos Anos Finais”.

O II Seminário de Educação Musical da RME que aconteceu no dia 12 de novembro de 2015 foi organizado com o objetivo de proporcionar aos professores de música da Rede Municipal de Ensino diálogos com profissionais diversos, como universitários, gestores, professores de outras redes para discutir e avaliar o trabalho de educação musical que acontece desde 1998, de forma curricular nesta rede de ensino. Sendo assim, o II Seminário teve como temática: “Da escola à Universidade: Desenvolvimento de Parcerias para Práticas de Ensino, Pesquisa e Extensão”. Para este seminário a mesa redonda foi organizada com professores doutores da Universidade Estadual de Santa Catarina e de uma Universidade do Vale do Itajaí localizada no município vizinho. O evento teve apresentação artística de um grupo representativo dos professores de música, e o número de relatos ampliou apresentando os seguintes títulos: “O que os estagiários podem oferecer à escola”; “Ensino de Música na EJA”; “Conhecendo e escutando o continente africano”; “Professor Compositor: a música da escola”; “Música, aventura, mágica e diversidade nos Anos Iniciais”; “Ritmos e Batucadas: as baterias das Escolas de Samba do Município”; “Vamos brincar de compor?”; “Experiências com criatividade na educação musical curricular”; “Do silêncio ao aplauso: o que é fazer música?”; “Novas e velhas formas de ouvir música”;

“Sustentabilidade: projetos integrados entre mídias e a educação musical”; “Oficina de canto coral no Programa Mais Cultura nas Escolas ; Histórias e Sons”.

Já o III Seminário de Educação Musical aconteceu no dia 6 de junho de 2016, com a temática: “Considerações sobre Documentos Normativos e Referenciais para o Ensino da Música”, com o objetivo de refletir sobre a elaboração e publicação da Proposta Curricular da Rede Municipal de Educação em paralelo à construção da Base Curricular Nacional Comum, ponderando sobre a importância de tais documentos, suas consequências nas práticas pedagógicas dos professores de música da rede, os resultados esperados na aprendizagem dos alunos e os impactos no cotidiano escolar. Sendo assim, o III Seminário contou com a presença de professores doutores na área de Música sendo um representante da diretoria da ABEM, um representante da UFGRS e um consultor e representante da UDESC. Os relatos de experiência foram organizados para serem publicados e os títulos apresentados foram: “Dane-se a Fobia: Construindo a Diversidade por Meio da Música – Notas sobre relação de gênero, sexualidades e música em uma escola pública”; “Educação Musical: Autoria e Protagonismo”; “A abordagem Interdisciplinar no Ensino Curricular de Música: A Percepção dos Educadores Envolvidos no Projeto Regiões Brasileiras”; “A música como Experiência nos Múltiplos Contextos de Atuação da EJA”; “O Funck Brasileiro nas Aulas de Música Curricular: Processos de Ensino e Aprendizagem em uma Turma do 6º ano do Ensino Fundamental”; “Ensino e Aprendizagem Musical: uma Investigação sobre Conteúdos Curriculares em Música a partir do livro Felpe Filva de Eva Funari”.

Além dos Seminários, o grupo de professores de Música em diferentes momentos durante esta trajetória de 20 anos tem organizado repertórios e ensaiado tanto para apresentações dos professores, quanto com um grupo representativo de alunos da Rede Municipal. Estas apresentações com alunos por demandarem uma logística de gravação em estúdio com playback, ensaios coletivos, transporte e alimentação, acabam ocorrendo no final do ano, e a cada ano um número maior de escolas tem se disponibilizado a participar desta experiência de canto coral.

O grupo de professores também organizou em 2011 e 2012 duas Mostras de Música em parceria com a Fundação Municipal de Cultura Franklin Cascaes, com a apresentação dos processos educacionais musicais e suas diferentes propostas, para a Comunidade Escolar e para a própria Rede Municipal, onde os alunos tiveram a

oportunidade de apreciar e apresentar os processos de educação musical de cada unidade educativa representando os diferentes contextos. Estas Mostras de Música aconteceram no Teatro do Município e foram organizadas com apresentações em dois dias consecutivos.

Esses e outros momentos são concebidos como espaços e tempos formativos conquistados e instituídos que envolvem todos os professores de música da Rede Municipal de Educação e requer uma efetiva articulação entre a experiência, o compromisso político de ensinar e o desejo de promover mudanças curriculares que assegurem a socialização e a construção dos conceitos e conteúdos específicos de Música. Além disso, é necessário ter claro o que se deseja alcançar com a formação ofertada no Ensino Fundamental, de modo a definir o que é relevante e que deve ser oportunizado ao longo desse percurso formativo.

Considerações finais

As ponderações sobre a trajetória da formação continuada dos professores de música no Ensino Curricular de Música no âmbito municipal, apresentadas ao longo deste documento, evidenciam aspectos a serem pensados quanto aos desafios desse processo contínuo de aprimoramento da educação pública na área de música.

O que se conclui desta experiência de formação continuada é que tem sido fundamental o exercício coletivo objetivando a prática curricular. Portanto, este movimento formativo precisa ser socializado e repensado com outros professores artistas pesquisadores de outras regiões do país para que ações mais amplas sejam realizadas, sempre tendo em vista as demandas de cada momento histórico e de cada situação contextual.

O processo de formação continuada na RME tem sido um foco importante da administração da educação municipal, contribuindo com a qualidade do ensino. Os professores são convidados a refletirem continuamente sobre suas abordagens pedagógicas nas diversas ações que envolvem a formação continuada, o que permite um constante processo de revisão de suas próprias práticas, considerando as demandas que se apresentam em seus contextos educacionais. Porém a configuração desta formação continuada que vem se transformando ao longo do processo de implementação curricular do ensino de música neste contexto municipal, foi e está sendo construída pelos próprios professores que são atuantes politicamente e que se posicionam nas lides educacionais bem

como nas articulações teóricas e redimensionamentos conceituais para atenderem a demanda advinda dos estudantes. Pensamos que é necessário divulgar as intencionalidades dos processos para fomentar questionamentos críticos e que, apesar das fragilidades, são os sonhos as molas propulsoras para o surgimento das transformações.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9.394/96 – 24 de dez. 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm.

BRASIL, Lei Ordinária nº. 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Diário Oficial, Brasília, DF. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm

BRASIL, Lei Ordinária nº. 13.278, de 02 de maio de 2016. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de artes visuais, dança, música e teatro na educação básica. Diário Oficial, Brasília, DF. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular* - MEC. Brasília, DF, 2018.

FLORIANÓPOLIS. Subsídios para a Reorganização Didática no Ensino Fundamental. Florianópolis, 2000.

FLORIANÓPOLIS. Proposta Curricular. Secretaria Municipal de Educação. Departamento de Educação Fundamental. Florianópolis. PMF/SME/DEF, 2008.

FLORIANÓPOLIS. Matriz Curricular da Rede Municipal de Ensino. Florianópolis, 2011.

FLORIANÓPOLIS. Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Prefeitura de Florianópolis. Secretaria de Educação. 2016.

SILVA, Rose de Fátima Pinheiro Aguiar, et. Al. O Ensino Curricular de música: uma proposta de atividades. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. 2011.

Educação musical curricular e interdisciplinaridade: um desafio possível no contexto da escola pública

Rose de Fátima Pinheiro Aguiar e Silva
Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis
rfpasilva@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem por finalidade apresentar um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada no contexto do ensino fundamental, envolvendo professores e equipe pedagógica em um projeto interdisciplinar com duas turmas dos sétimos anos em uma escola municipal da Rede Municipal da cidade de Florianópolis. Para este trabalho serão destacados aspectos da interdisciplinaridade na educação musical com Penna (2006), Lima (2007) e Fucci Amato (2010) e todo o processo de realização e desdobramentos do projeto durante o ano letivo. Para alcançar os objetivos da pesquisa foi utilizada abordagem qualitativa e o método da História Oral Temática. A coleta de dados deu-se por meio de entrevistas temáticas semiestruturadas, realizadas com oito educadores que participaram integralmente da proposta interdisciplinar. Os resultados indicaram que o ensino curricular de música contribuiu para a formação dos estudantes desenvolvendo aspectos como: respeito, trabalho coletivo, responsabilidade, experiências com ritmos diversificados, associação entre o repertório trabalhado e os conteúdos das demais disciplinas, valorização da escola e oportunidade para uma maior integração entre alunos, professores e comunidade escolar.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Ensino Curricular; Educação Musical.

Introdução

A interdisciplinaridade gera várias discussões acerca de seu significado e de sua prática, e essas são questões que permeiam minha atuação como professora de Música desde que comecei a perceber o isolamento e a solidão aos quais, muitas vezes, nos submetemos quando fechamos a porta de nossa sala de aula. Cada professor, centrado em seus conteúdos, trabalhando e planejando sem olhar o todo, sem buscar dialogar com seus pares. O isolamento e a solidão que senti possibilitaram o surgimento de uma certa inquietude, e percebi que poderia propor parcerias na tentativa de construir um trabalho coletivo, no intuito de tornar o ensino curricular de música mais integrado e articulado com as demais disciplinas.

Em 2014, realizamos um projeto interdisciplinar na escola com o título “Regiões Brasileiras”. A experiência contou com a participação de duas turmas dos sétimos anos, seis

professores e três membros da equipe pedagógica. As disciplinas envolvidas eram Música, Geografia, Educação Física, Ciências e História. O projeto durou todo o ano letivo de 2014 e obteve alguns resultados.

Nesse mesmo ano, ingressei no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes na UDESC, com o desejo de pesquisar sobre a interdisciplinaridade no intuito de aprofundar o assunto e investigar minha própria prática. Escolhi, então, o projeto interdisciplinar que realizamos na escola em 2014 como o contexto da pesquisa e, como foco, o papel do ensino de música no projeto a partir do olhar dos colegas que participaram comigo dessa experiência.

Sendo assim, o principal objetivo da pesquisa foi conhecer o papel do ensino curricular de música no projeto interdisciplinar “Regiões Brasileiras”, a partir da percepção dos educadores envolvidos. Os objetivos específicos foram: compreender, segundo a percepção dos educadores, os efeitos do ensino curricular de música realizado no projeto interdisciplinar para os alunos envolvidos e para a escola como um todo; identificar os obstáculos e desafios enfrentados pelos educadores durante a concretização do projeto interdisciplinar.

Para o presente trabalho serão apresentados os dados referentes a execução do projeto interdisciplinar durante o ano letivo, ressaltando o planejamento coletivo, a construção das aulas nas diversas disciplinas e os desdobramentos do projeto dentro e fora da escola.

Interdisciplinaridade e educação musical

Na área da educação musical, a interdisciplinaridade é abordada, no presente trabalho, por Penna (2006), Lima (2007) e Fucci Amato (2010). As autoras apresentam possibilidades de trabalhos interdisciplinares entre a área de educação musical e as demais áreas, como uma forma de enriquecimento do ensino de música, seja na pesquisa ou na docência.

Penna (2006) destaca que a área de educação musical precisa estar em diálogo não só com as outras linguagens artísticas, mas com as ciências sociais, a filosofia, a pedagogia, a história e as demais disciplinas, buscando o diálogo para uma maior compreensão da

realidade. A interdisciplinaridade, segundo a autora, não pode estar restrita à pesquisa ou pós-graduação, ela deve estar presente na licenciatura, fazendo parte da formação do educador musical. A proposta não é diluir os currículos perdendo os conteúdos específicos da educação musical. “A ideia é ‘abrir’ esses currículos, estabelecendo pontes de diálogo e de inter-relação” (PENNA, 2006, p.14).

Outra possibilidade, conforme aponta Penna (2006), é a organização e atuação de grupos de pesquisa interdisciplinares no intuito de enriquecer através do diálogo, a formação e a pesquisa na área da educação musical. Segundo a autora, “grupos de pesquisa e extensão interdisciplinares poderiam voltar-se, inclusive, para a educação formal – a educação básica – que também precisa de propostas para trabalhar a diversidade cultural” (PENNA, 2006, p. 41).

Segundo Lima (2007, p. 63), para falar de uma prática musical interdisciplinar, precisamos pensar em um ensino musical que caminhe para um amplo processo de humanização; “sendo assim, problemas importantes da sociedade passariam a gerir as pesquisas musicais interdisciplinares”. Tais pesquisas, segundo a autora, poderiam abordar:

a projeção de um ensino musical que considere de forma integrada o trabalho, a sociedade e a cultura; [...]a análise e inclusão de parcerias direcionadas para o ensino musical; um olhar voltado para as práticas musicais como possibilidade de criação de novos conhecimentos na área; a análise atenta das relações entre a formação do professor e o contexto cultural em que ela intervém; o estudo atento do cotidiano escolar sob uma perspectiva de melhoria do ensino musical; a implantação da pesquisa em todos os setores de ensino musical como projeto social de produção de conhecimento, entre outros.(LIMA, 2007, p. 63)

Para Lima (2007), se os trabalhos de pesquisa na área da educação musical caminharem nessa direção, novos valores serão anexados à pedagogia musical, trazendo modificações relevantes para o ensino de música. Esse aspecto da humanização citado por Lima (2007) é a principal característica do pensamento de Paulo Freire, desde suas primeiras obras, perpassando toda sua pedagogia. Segundo Freire (2010, p. 156), “o diálogo, como encontro dos homens para a ‘pronúncia’ do mundo, é uma condição fundamental para a sua real humanização”. Uma das diferenças entre uma educação dominadora, desumanizante, e uma educação para a liberdade e que caminhe para a humanização, está em que a primeira se constitui em transferência de conhecimento, enquanto a segunda é um ato de conhecer. “Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo,

são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão”, afirma Freire (2010, p. 32).

A interdisciplinaridade, segundo Fucci Amato (2010), no âmbito da pesquisa e da docência, pode oferecer contribuições relevantes no campo da ciência musical, quando são incluídas contribuições vindas de outras áreas do conhecimento. Muitos campos podem ser explorados na interdisciplinaridade da música e da educação musical, segundo Fucci Amato (2010, p.43), como por exemplo, “os estudos históricos, filosóficos, sociológicos, estéticos, etnológicos, físicos, biológicos, neurocientíficos e tantos outros”. Para a autora, a música e seu ensino podem ser aprimorados de diversas formas, “transcendendo fronteiras entre artes e ciências e entre ciências exatas, biológicas e humanas” (FUCCI AMATO, 2010, p.43).

A autora exemplifica algumas possíveis interações interdisciplinares na educação musical. Fucci Amato (2010, p.40) fala que uma das possibilidades pode ser o canto coral e afirma que este “é extraordinária ferramenta para se desenvolver a integração interpessoal, a motivação dos cantores, a inclusão sociocultural e a educação vocal e musical”. Outra possibilidade de construção interdisciplinar na educação musical é com a sociologia da educação: “Nesse sentido, pode-se construir uma imagem de quem são os alunos de uma sala de aula ou de uma escola de música” (FUCCI AMATO, 2010, p.42). Além de conhecer os interesses musicais dos alunos, essa ação interdisciplinar pode revelar também “históricos familiares, em termos de condição socioeconômica, capital escolar e capital cultural” (FUCCI AMATO, 2010, p.42). Com base nesses dados poderá ser elaborado um plano de ensino. A autora salienta que a música, desde a sua origem, é considerada como um elemento essencial para a formação integral das pessoas, “e hoje são maiores ainda as possibilidades de se desenvolver, no ensino musical escolar, uma grande integração de conhecimentos a partir de uma educação musical que amalgame várias disciplinas do currículo escolar” (FUCCI AMATO, 2010, p. 43).

O projeto interdisciplinar “Regiões Brasileiras”

Planejamento do projeto interdisciplinar

No início do ano letivo de 2014, no dia 26 de fevereiro, foi realizada uma reunião de planejamento com todos os professores dos sétimos anos, coordenada pela Supervisora dos Anos Finais, conforme previsto no Projeto Político Pedagógico da escola. Essa reunião tinha como objetivo a socialização dos planejamentos e de possíveis propostas de trabalhos com projetos entre os professores. Eu, enquanto professora da disciplina de Música das turmas 73 e 74, lancei a meus colegas a sugestão de trabalhar com um projeto interdisciplinar com o tema das regiões brasileiras, que seria abordado pela disciplina de Geografia. A sugestão foi colocada em forma de convite e cada um ficou livre para participar ou não do projeto. Todos os professores presentes acolheram a ideia, e o passo seguinte seria a elaboração do projeto com seus objetivos, justificativa e a especificação do que cada disciplina abordaria enquanto conteúdo relacionado com o tema das regiões brasileiras. Inicialmente, o projeto contou com a participação da Supervisora, dos professores de História e Geografia, e das professoras de Educação Física, de Ciências e da professora responsável pela Sala Informatizada¹. Com o transcorrer do ano letivo, a Orientadora e a Diretora também passaram a atuar diretamente na realização da proposta interdisciplinar. Outros dois professores, de História e de Inglês, mesmo não sendo professores das turmas envolvidas, colaboraram com a parte musical do projeto, acompanhando as canções ao violão, e por isso foram considerados como colaboradores especiais.

Após a primeira reunião de planejamento, no mês de fevereiro, aconteceram mais três reuniões durante o ano letivo de 2014 entre o grupo de educadores participantes do projeto, em que foram avaliadas e discutidas as ações empreendidas individualmente pelos professores, e levantadas as dificuldades enfrentadas pela equipe. Nessas reuniões, foram planejados e organizados também o Dia do Artista na Escola, os encontros entre as duas turmas e todos os professores e as apresentações do projeto fora da escola. Nessa etapa do trabalho ocorreu a ação apontada por Santomé (1998, p.65), “construir e manter a comunicação através de técnicas integradoras”, pois houve um empenho de toda a equipe para que as atividades e o projeto pudessem ter continuidade.

¹ A Sala Informatizada é o espaço onde os alunos têm acesso aos computadores e outras mídias. Não é considerada uma disciplina, e sim um ambiente onde são desenvolvidos projetos e outras atividades.

Sendo assim, o projeto “Regiões Brasileiras” iniciou-se no mês de março de 2014 e estendeu-se durante todo o ano letivo, com algumas apresentações realizadas ainda em 2015. Foram realizadas quatro reuniões entre os educadores para planejamento e organização, e dois encontros entre as duas turmas e todos os professores.

Desenvolvimento das aulas

No contexto das aulas de Música, deu-se o estudo de ritmos e canções características de cada região, utilizando o canto, a percussão, o teclado, o violão e a flauta doce. Os alunos das turmas 73 e 74, nas quais o projeto “Regiões Brasileiras” ocorreu, já haviam tido aulas de Música curricular no sexto ano, ministradas por mim. Dessa forma, os estudantes já possuíam conhecimento sobre leitura musical, flauta doce e percussão, sendo esse o motivo pelo qual essas duas turmas foram escolhidas para a execução do projeto interdisciplinar.

O repertório trabalhado buscou propiciar a vivência de ritmos e canções ligados a elementos que retratassem cada uma das cinco regiões brasileiras. Sendo assim, sobre a região Sul foi executada a canção *Barra da Lagoa*, cujo compositor, Orlando Carlos da Silveira Mello, popularmente conhecido como “Neco”, é morador da cidade. A região Sudeste foi abordada com o samba *Conversa de Botequim*, de Noel Rosa, e com a canção *Trenzinho Caipira*, de Heitor Villa-Lobos. Sobre a região Nordeste, o ritmo do baião foi trazido com a canção *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. A região Centro-Oeste foi vivenciada com a música *Por Enquanto*, do compositor Renato Russo, evidenciando o surgimento de várias bandas de Rock na década de 80, oriundas da cidade de Brasília. Relacionada à região Norte foi executada a canção indígena *Koi Txangaré*, dos índios Ladei-Suruí de Rondônia.

Na disciplina de Geografia, as atividades realizadas proporcionaram reflexões acerca da formação territorial brasileira através de pesquisas, construção de mapas, localização e identificação das regiões. Foram abordadas também as características do povo brasileiro, distribuição da população, condições de vida, urbanização, desigualdade social, migrações e degradação ambiental.

Em Ciências foi feito o estudo dos parasitas endêmicos através de uma pesquisa referente à doença de chagas e à malária. Sobre o reino animal, foi realizado um trabalho de regionalização dos animais que foram elencados a partir de uma saída de estudos ao Museu

do Homem, onde, através de pesquisas em grupos, os alunos estudaram sobre a onça, a arara, o lobo-guará, o jacaré-de-papo-amarelo, entre outros. Foram destacados nesse trabalho aspectos sobre a habitação, alimentação e movimentação desses animais dentro do território nacional. Também foram consideradas a visão ecológica da biodiversidade, a sustentabilidade e a importância de cada animal para a população e para o equilíbrio dos biomas brasileiros.

Nas aulas de História, o professor abordou a colonização portuguesa do Brasil e foram discutidas as especificidades regionais e temporais do processo. Dessa forma, foram estudados temas como: o Nordeste como centro econômico e político do país, a sociedade e a escravidão na economia mineradora, a interiorização e urbanização do Brasil, a colonização açoriana do litoral sul catarinense, a fortificação da Ilha de Santa Catarina, entre outros, oferecendo assim referências para os alunos entenderem e valorizarem as diferenças econômicas e culturais de cada região.

Durante as aulas de Educação Física o objetivo das atividades era que os alunos conhecessem as manifestações culturais de cada região do Brasil, principalmente no que se refere à cultura do movimento, como as danças regionais, os jogos populares e as brincadeiras. Os alunos, divididos em grupos, fizeram pesquisas e socializaram os trabalhos com toda a turma, além de serem realizadas vivências com as danças e jogos com o intuito de aprofundar o tema.

A professora coordenadora da sala informatizada mediu e incentivou o uso das tecnologias digitais, oferecendo suporte para as pesquisas, fotos, filmagens, digitalizações e divulgação do projeto interdisciplinar. Outra atividade desenvolvida foi a entrevista com o compositor da canção *Barra da Lagoa*, realizada no Dia do Artista na Escola pelos alunos do projeto Radio Escolar², que também era coordenado pela professora da sala informatizada. Essa entrevista foi editada e colocada no ar, para que todos pudessem acessá-la e conhecer a trajetória artística do compositor.

² O Projeto da Rádio Escolar tem por objetivo utilizar a comunicação radiofônica como um instrumento para o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando ao educando a expressão livre e responsável, como forma de ampliar o universo de acesso ao conhecimento e cultura. Todo início de ano letivo é feita a seleção dos alunos que participarão do projeto durante o respectivo ano. A rádio fica à disposição de toda a comunidade escolar. (Dados extraídos do Projeto Político Pedagógico da escola, abril/2015. Material não publicado, disponibilizado pela supervisora escolar).

Resultados do projeto

O Dia do Artista na Escola aconteceu no dia 10 de julho de 2014. Foi uma atividade organizada dentro do projeto interdisciplinar “Regiões Brasileiras”, onde o compositor da canção *Barra da Lagoa*, Orlando Carlos da Silveira Mello, popularmente conhecido como Neco, que reside na cidade, veio até a escola por meio de um convite feito por um professor que era seu amigo pessoal, e que fez o primeiro contato com o artista. O objetivo desse evento era que ele assistisse os alunos dos dois sétimos anos tocarem e cantarem a música *Barra da Lagoa* em sua homenagem, e que os alunos pudessem conhecê-lo pessoalmente. Sendo assim, após a homenagem, a qual deixou o artista bastante emocionado, seguiu-se o momento em que ele tocou para o público presente e relatou sobre a forma como a música foi composta. Também nesse dia, o professor de Inglês, que também era músico, e estava fazendo o acompanhamento das músicas ao violão, fez uma apresentação musical, e ao final os dois músicos tocaram juntos. Essa atividade foi realizada no pátio da escola e contou com a presença de todos os alunos dos anos finais, professores, equipe pedagógica e demais funcionários. Além da música *Barra da Lagoa*, os alunos dos sétimos anos também tocaram e cantaram a música *Asa Branca* e *Por Enquanto*, que faziam parte do repertório trabalhado no projeto. Após o término do evento no pátio, o compositor foi entrevistado pelos alunos do projeto da Radio Escolar.

Outra etapa do projeto interdisciplinar foram os dois encontros em que foram reunidas as duas turmas dos sétimos anos com a presença de todos os professores envolvidos no processo numa mesma sala de aula. Toda a produção que fora desenvolvida em cada disciplina integrou-se, dando continuidade ao conhecimento adquirido ao longo do projeto, ou seja, os mapas, as pesquisas, os textos, as canções e as imagens. Estes encontros tinham como objetivo realizar trocas mais intensas entre os participantes e organizar a socialização do trabalho em forma de apresentação musical.

Sendo assim, após a realização desses dois encontros, o projeto interdisciplinar “Regiões Brasileiras” foi apresentado no XXII Seminário Estadual dos Orientadores Educacionais de Santa Catarina, através de contato realizado pela orientadora que participou do projeto. Esse evento contou com a presença de todos os educadores que se envolveram nesse trabalho.

No ano seguinte, em 2015, foram realizadas mais duas apresentações fora da escola, que, no entanto, contaram somente com a parte musical do projeto. Uma delas foi o ECOFESTIVAL 2015, evento promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis. A outra foi a abertura do XXIII Seminário Estadual dos Orientadores Educacionais de Santa Catarina. Antes de encerrar o ano letivo de 2015, uma apresentação com a parte musical do projeto foi realizada no pátio da escola em homenagem a todos os professores e funcionários da unidade escolar.

Considerações finais

Dentre as principais conclusões obtidas ao final desta pesquisa, destaco o que considero ser uma etapa importante da prática interdisciplinar: a possibilidade dos encontros, diálogos e trocas que o projeto interdisciplinar “Regiões Brasileiras” promoveu entre os professores e a equipe pedagógica. A reunião para socialização dos planejamentos entre os professores dos sétimos anos, realizada no início do ano letivo de 2014, organizada e coordenada pela supervisora, possibilitou o primeiro encontro e foi a oportunidade para que pudesse ser compartilhada com a equipe de professores a proposta de trabalhar com um projeto interdisciplinar. A partir desse encontro inicial, outros momentos foram conquistados pelo grupo, com muitos esforços, mas que possibilitaram a intersubjetividade necessária para que o projeto tivesse continuidade. Os professores conseguiram se inteirar dos assuntos que estavam sendo abordados em todas as disciplinas, e dessa forma conseguiram fazer os *links*, da sua disciplina com as demais. Essas reuniões possibilitaram a organização dos encontros e ensaios com as duas turmas dos sétimos anos e todos os educadores envolvidos no projeto, que resultaram em apresentações na escola, em eventos externos e na concretização do Dia do Artista na Escola. Fica claro que, sem o espaço para a troca e o diálogo, o projeto interdisciplinar não teria obtido nenhum dos resultados apontados.

Com relação aos alunos, o ensino curricular de música desenvolvido no projeto interdisciplinar foi descrito pelos educadores como um elemento que contribui enquanto linguagem para a formação dos estudantes, por terem sido apontados aspectos como foco, organização, disciplina, espírito coletivo, responsabilidade, postura e respeito aos colegas e

professores. Por meio do repertório trabalhado nas aulas de música, foram possibilitadas experiências com ritmos diversificados, e os estudantes conseguiram associar esse repertório com as regiões estudadas nas aulas de Geografia e com os conteúdos da maioria das disciplinas.

Ainda com relação aos alunos, os ensaios e apresentações revelaram que alunos que apresentavam dificuldades motoras e cognitivas conseguiram participar ativamente das atividades musicais, seja através do canto ou da execução dos instrumentos musicais, superando as expectativas do que normalmente desempenham nas demais disciplinas. Sendo assim, o projeto interdisciplinar conseguiu um envolvimento e integração dos alunos que surpreendeu alguns educadores, pois, como foi observado, no momento das apresentações eles se tornavam os protagonistas do trabalho. O olhar dos participantes da pesquisa mostrou que os alunos, de maneira geral, se sentiam motivados e se mostravam envolvidos com as atividades musicais.

A repercussão do ensino curricular de música para a escola como um todo, durante a realização do projeto interdisciplinar, contribuiu para que houvesse uma maior integração da equipe envolvida no trabalho, tanto na organização das diversas atividades que aconteceram na escola como nos eventos para além dela. Nos relatos, os educadores destacam que esses eventos foram fundamentais porque houve uma maior aproximação entre professores e alunos, estreitando os laços afetivos. Ocorreu igualmente a valorização da escola enquanto rede pública de ensino, valorização dos professores e a possibilidade de outros públicos apreciarem o trabalho realizado no espaço escolar. Conforme foi salientado nas falas, o Dia do Artista na Escola mobilizou, para além dos alunos dos sétimos anos envolvidos no projeto interdisciplinar, alunos de outras turmas, pois a rotina escolar foi alterada em função da presença do compositor. A recepção do artista, o seu deslocamento até a escola, a filmagem do evento, o registro com fotos, a realização da entrevista pelos alunos do projeto Radio Escolar foram ações que proporcionaram a inclusão de professores, alunos e funcionários de toda comunidade escolar. Essas ações em conjunto contribuíram para a valorização da presença da música na escola e sua importância na formação de todas as pessoas envolvidas no trabalho.

A experiência vivenciada no projeto interdisciplinar “Regiões Brasileiras” só foi possível em função de um grande empenho dos professores, mas principalmente da equipe

pedagógica. Toda uma logística precisou ser engendrada para que cinco professores pudessem estar reunidos para dialogarem sobre o projeto, que contou com auxiliares de ensino, direção, supervisão, orientação pedagógica, movimentação de grade de horários, turmas e salas, no intuito de criar um espaço que necessitou ser arduamente conquistado.

Nesse sentido, apesar dos documentos oficiais que legislam sobre a educação básica no Brasil deixarem claro que a interdisciplinaridade deve ser almejada na busca por uma integração curricular, e que devem ser realizados projetos interdisciplinares com temas que surjam a partir de questões da comunidade articuladas com as áreas de conhecimento, concluo que a estrutura da grande maioria das escolas públicas de educação básica brasileiras pouco colaboram com propostas pedagógicas que exijam mais espaços para planejamentos coletivos, encontros e diálogo. Tal estrutura reforça muitas vezes o individualismo e as raras reuniões pedagógicas oficiais não dão conta da demanda de assuntos administrativos e pedagógicos exigidos pelas secretarias de educação.

Dessa forma, a escola em questão, mesmo prevendo em seu Projeto Político Pedagógico a prática de projetos interdisciplinares, contando com profissionais que já possuem por prática promover e participar de tais projetos, possuindo uma equipe pedagógica que apoia e valoriza a interdisciplinaridade, não foi fácil para o grupo levar o projeto até sua conclusão, e muitas barreiras precisaram ser transpostas.

Assim sendo, o papel do ensino de música no projeto “Regiões Brasileiras” foi importante no sentido de promover experiências musicais diversificadas aos alunos e possibilitar que, através do repertório e das apresentações, pudessem ser ampliadas as ligações e intercâmbios entre as disciplinas, propiciando o estreitamento das relações entre professores e alunos, a repercussão do projeto na escola e fora dela e a valorização da escola enquanto ensino público. Considero que a riqueza desse trabalho está em poder constatar as conquistas alcançadas pelo grupo de educadores numa busca pela interdisciplinaridade.

Referências

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. Interdisciplinaridade, música e educação musical. *Opus*, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 30-47, jun. 2010.

LIMA, Sônia Albano. Interdisciplinaridade: uma prioridade para o ensino musical. *Música Hodie*, v. 7, n.1, p.51-65, 2007.

MATEIRO, T.; FERREIRA, M. S. Interdisciplinaridade na formação de professores de música e teatro. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO, NA PESQUISA E NA EXTENSÃO – REGIÃO SUL, 2013. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

PENNA, Maura. A dupla dimensão da política educacional e a Música na escola. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 12, Florianópolis, 2002. *Anais...* Florianópolis, 2002. Fórum 1: Políticas Públicas em Educação Musical.

PENNA, Maura. Desafios para a educação musical: ultrapassar posições e promover o diálogo. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n.14, p. 35-43. 2006.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SANTOMÉ, J. T. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SILVA, R. F. P. A. *Abordagem Interdisciplinar no ensino curricular de música: a percepção dos educadores envolvidos no projeto “Regiões Brasileiras”*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

Crianças Mbyá-Guarani, seus modos de ser e de viver: um projeto de elaboração de material didático em música³

Claudia Roberta Yumiko Tristão
Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis
claudia.tristao@prof.pmf.sc.gov.br

Viviane Beineke
Universidade do Estado de Santa Catarina
vivibk@gmail.com

Resumo: Este texto apresenta projeto de mestrado profissional em andamento, cujo objetivo é produzir material didático que aborde os modos de ser e viver de crianças indígenas e suas relações com a música, contribuindo com a educação musical em escolas não indígenas. O projeto ampara-se na Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, que estabelece a obrigatoriedade da inclusão, no currículo da rede de ensino básico, da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena. O trabalho também busca atender às dimensões dos conhecimentos determinadas pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC), contemplando o conhecimento e a valorização do patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias. Metodologicamente, o trabalho será concebido juntamente com crianças e professores de uma escola indígena, a partir de observações participantes, realizadas semanalmente durante um semestre. Deste modo, pretende-se ir construindo o material no contato e convivência com as crianças e professores, em seu cotidiano escolar. Através do material pedagógico que será produzido, esta pesquisa visa oportunizar às crianças não indígenas, e também às crianças Mbya, uma escuta minuciosa, um olhar respeitoso, para o conhecimento, a aproximação e o reconhecimento das igualdades e diferenças nos seus modos de ser criança e de se relacionar com a música em uma e em outra cultura.

Palavras-chave: Educação musical, Mbya-Guarani, Escola Básica, Material didático.

Introdução

Esta comunicação apresenta um projeto em andamento no Curso de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), cujo objetivo é produzir um material didático que aborde os modos de ser e viver de crianças indígenas da etnia Mbya-Guarani e suas relações com a música, contribuindo com a

³ O trabalho está sendo realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes).

educação musical em escolas não indígenas (*Juruá*). Este trabalho está alinhado aos objetivos do Prof-Artes, que visa a formação continuada de docentes de artes em exercício na Educação Básica da rede pública de ensino. Com esta visão, o trabalho de conclusão do mestrado irá apresentar uma proposta pedagógica, redigida e acompanhada de material didático-pedagógico, que contribua com o ensino de música na escola básica. Esta modalidade de formação e de trabalho de conclusão busca promover o desenvolvimento de um material que contribua e impacte diretamente na prática pedagógica dos professores que atuam com o ensino de artes na escola, sem que estes professores se afastem da escola durante o período em que realizam o curso de mestrado.

O trabalho fundamenta-se em princípios educacionais que valorizam a diversidade cultural brasileira e reconhecem a necessidade de incluir saberes que vêm sendo pouco valorizados nos currículos escolares. Como argumenta Penna (2012), é necessária a defesa por uma educação musical que contribua para a expansão da experiência artística e cultural dos estudantes, apresentando concepções de música e de arte amplas, abarcando múltiplas e diferenciadas manifestações artísticas. Entende-se que conhecer e estudar as culturas indígenas principalmente as que convivem no nosso entorno pode desenvolver o interesse pelo outro, cultivando as possibilidades de conhecimento, de aceitação do diferente, de superação de preconceitos e de estereótipos, possibilitando uma ampliação da percepção de mundo.

No âmbito das políticas públicas da escola básica brasileira, o trabalho em andamento também busca atender às dimensões dos conhecimentos determinadas pela Base Nacional Curricular Comum (BNCC), contemplando o conhecimento e a valorização do patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas (BRASIL, 2017, p. 201). Apesar dos documentos oficiais enfatizarem a importância dessa abordagem, o processo de inclusão é lento, pois envolve um longo ciclo, da escola básica, à formação de professores, ao estudo e à produção de materiais didáticos.

As culturas indígenas na escola

A população brasileira conta com uma grande diversidade étnica e cultural, que merece lugar de destaque na educação básica. São crescentes os esforços empreendidos nesse tema, inclusive em relação às políticas públicas para a educação básica. A ideia sobre a população indígena que está arraigada no imaginário da população brasileira muitas vezes não contempla a realidade, sendo construída historicamente numa visão romântica que apresenta muitos equívocos sobre as populações indígenas. É necessário desconstruir este modo de pensar sobre as populações indígenas, o que exige o estudo sobre essas culturas, para aprender sobre as suas formas de organização social e linguística, as formas de entender o mundo, de se posicionar dentro dele e dos diferentes jeitos de ser dos povos indígenas brasileiros. Perceber e nos conscientizar da sua presença e de suas lutas, compreendendo que sua população está em crescimento, produzindo culturas, com modos de ser e viver dinâmicos que podem ser compartilhados.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) na realização do Censo de 2010, pesquisou pela primeira vez o número de etnias indígenas (comunidades definidas por afinidades linguísticas, culturais e sociais), encontrando 305 etnias. Também foram identificadas 274 línguas indígenas. Esse levantamento revela que pouco se conhece sobre os indígenas brasileiros, demonstrando quanto estas populações vêm sendo invisibilizadas. Faz-se necessário desenvolver a consciência de que as culturas indígenas estão presentes em nossa sociedade, e se apresentam em crescimento, produzindo culturas, um modo de ser dinâmico e ricas experiências que podem ser compartilhadas, experienciadas na educação básica brasileira, particularmente na educação musical, contemplando de modo mais global e menos hegemônico a diversidade cultural brasileira. Deste modo, acredita-se que o maior conhecimento e compreensão das culturas indígenas poderá ampliar o reconhecimento e a valorização da nossa sociedade multicultural, incluindo as culturas indígenas.

Pode-se considerar que estabelecer pontes de contato com outras culturas, possibilitando trocas entre elas, pode vir ampliar a capacidade de compreensão de mundo. Nesse sentido, entende-se que a escola é um lugar propício para tal, à medida que este é um

de aprendizagens em que são (ou deveriam ser) favorecidas as trocas, o diálogo e as descobertas. A escola visa proporcionar aprendizagens que favoreçam a convivência com o diferente, com a diversidade, visando à formação integral das crianças e jovens. Como argumentam Almeida e Pucci (2014, p.07), é importante

Estimular os professores a desenvolver regularmente (e não apenas no Dia do Índio) esse tipo de repertório [indígena] junto às crianças e adolescentes nas escolas de ensino básico; apresentar sugestões de atividades musicais e extramusicais com contextualização histórica e cultural; desenvolver atividades que estabeleçam novas formas de se fazer música, a partir de mitos e lendas indígenas e criar empatia e simpatia com os povos indígenas brasileiros a fim fazê-los respeitados na sua cultura e diversidade.

Observa-se que a produção de materiais e livros didáticos voltados aos contextos indígenas brasileiros ainda é escassa, apesar da Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008 (BRASIL, 2008), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, determinando a obrigatoriedade de incluir no currículo da rede de ensino básico a temática "História e Cultura Afro-brasileira e Indígena". Deste modo, as políticas públicas buscam reconhecer e, mais do que isso, reivindicam a importância e a necessidade de trabalhar a temática, buscando conhecer para (re)conhecer, propagar, respeitar e acolher o outro em suas diferenças para aceitar e bem conviver. Nesse sentido, este trabalho configura-se como uma oportunidade de contato com uma das culturas formadoras de nosso país, a cultura indígena Mbya-Guarani, possibilitando compreender e reconhecer para respeitar a diversidade.

A música e seus sentidos nos povos Guaranis

Este trabalho focaliza as músicas e modos de ser dos Guaranis, povo abarcado no território do litoral brasileiro em diversos estados como: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santos. Hoje os Guaranis vivem nas regiões da Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Bolívia. Segundo o PIB socioambiental os grupos guarani que hoje vivem no Brasil são: Mbya; Pãi-Tavyterã, conhecidos no Brasil como Kaiowá; Avá Guarani, denominados no Brasil Ñandeva. Este trabalho, em específico, será elaborado colaborativamente com uma escola em comunidade Mbya-Guarani, no município de Palhoça, em Santa Catarina.

As músicas e o modo de ser dos Guaranis vêm sendo estudados sob diferentes perspectivas e em diferentes áreas do conhecimento, destacando-se as pesquisas no campo

da música e da educação musical, alguns com interfaces no campo da antropologia. No campo música, destacam-se a etnografia musical e coreográfica dos guaranis realizada por Montardo (2009), a pesquisa de Dallanhol (2002) sobre a música dos Mbya-Guarani do Morro dos Cavalos) e a pesquisa sobre performances musicais e lúdicas que envolvem crianças Mbya-Guarani cotidianamente, refletindo sobre o protagonismo das crianças Mbya desenvolvido por Stein (2009). Trabalhos dessa natureza contribuem para a compreensão dessas culturas, que apresentam visões de mundo que diferem da nossa.

Com enfoque mais voltado à educação musical, também vêm sendo desenvolvidas pesquisas que abordam, a partir do contato entre crianças Mbya-Guarani e crianças não indígenas, a maneira como a inclusão de canções de diferentes culturas no repertório pode contribuir para o respeito às diferenças e para o exercício da tolerância (FRAGOSO, 2017a), bem como as concepções de ensino-aprendizagem entre as crianças Mbya-Guarani. Nesse sentido, Fragoso (2017b) analisa com um olhar cuidadoso para as questões indígenas e a importância das escolas desenvolverem projetos ao longo da vivência escolar dos estudantes. Passando da pesquisa acadêmica aos materiais didáticos que buscam incluir o estudo da história e das culturas indígenas brasileiras em uma perspectiva contemporânea, também é possível observar o crescimento da literatura, inclusive no campo da educação musical, com livros dirigidos a crianças (PUCCI; ALMEIDA, 2014), a jovens (TUGNY, 2013) e a professores (PUCCI; ALMEIDA, 2017). Nessa direção, este trabalho busca contribuir com a produção de materiais didáticos para o ensino de música no ensino fundamental, em trabalho que inclui a participação de crianças Mbya-Guarani no processo.

Trilhas na produção do material didático

Desde o ano passado (2018) vem sendo estabelecido contato com as lideranças da comunidade indígena do Morro dos Cavalos, pertencentes à etnia Mbya-Guarani. A primeira conversa foi com o líder maior, responsável pela comunidade, o senhor Teófilo Cacique (*Xeruíxá*). Nesta ocasião, também conhecemos Juninho, vice-cacique e responsável pelo coral da aldeia, que se chama “Tape Mirim”. O coral conta com um grupo de 21 participantes, dentre esses 13 meninos e 8 meninas, com idades que variam entre 06 até 25

anos. Em outro momento, encontramos com os professores da Escola Estadual Itaty, situada dentro da aldeia.

Nesta escola os professores são falantes da língua Guarani (pertencente ao tronco linguístico Tupi-Guarani) e as crianças, desde o primeiro até o quarto ciclo, só apreendem em Guarani. Somente depois de alfabetizadas em guarani é que elas passam a falar e serem alfabetizadas em português. O professor Joao Batista é responsável pelo primeiro e segundo ciclos e o professor Nathan é responsável pelo terceiro e quarto ciclos.

Deste envolvimento inicial, a professora/mestranda teve a oportunidade de participar da elaboração e produção de trajes para o coral da aldeia, contribuindo na sua confecção. Esta colaboração, que partiu de um desejo da liderança indígena, inclui a participação na escolha e composição de cores, na distribuição dos grafismos elaborados pelo líder do grupo e, por fim, auxiliando a desenvolver os modelos dos trajes. Este envolvimento foi muito rico, abundante de troca entre os participantes do coral e a mestranda, favorecendo o estabelecimento de relações mais próximas com a escola, o coral, professores, crianças e lideranças indígenas.

Também foi realizado um encontro entre uma turma de crianças da escola onde a professora/mestranda atua, em Florianópolis, com crianças da Escola Itaty, que promoveu uma Semana Cultural aberta à comunidade. Como parte deste evento, as crianças participaram de uma trilha ecológica na mata, estabelecendo suas primeiras conversas, que podem contribuir com o estudo. Através do material pedagógico que será produzido, este trabalho visa oportunizar às crianças não indígenas, e também às crianças Mbya-Guarani, uma escuta minuciosa, um olhar respeitoso, para o conhecimento, a aproximação e o reconhecimento das semelhanças e diferenças nos seus modos de ser criança e se relacionar com a música em ambas culturas.

Após estabelecer esses contatos, em posse do projeto do trabalho de conclusão, a mestranda apresentou a proposta ao Cacique Teófilo. Depois de tudo explicado ao Cacique, este se manifestou, dizendo : “É muito importante valorizar os saberes indígenas, para que os estudantes e os professores `brancos` possam conhecer e respeitar as culturas produzidas por nós, indígenas”. Ele também relatou que muitas pessoas vão até a aldeia e não compreendem como funciona a cultura e saem falando de forma equivocada o que presenciaram, deixando-os aborrecidos. Sobre isso, a professora/mestranda se

comprometeu dizendo que todo material produzido será previamente aprovado pelo grupo que participou do processo na escola, bem como pelas lideranças da aldeia, Cacique e vice-cacique, para só então ser aprovado e fazer parte do produto final do trabalho.

Após este encontro foi efetuada uma nova visita à aldeia juntamente com a orientadora de mestrado, que conversou com o vice-cacique Juninho durante uma tarde, entre exposição de ideias, perguntas sobre o funcionamento da escola e do coral, esclarecimento de algumas preocupações sobre o trabalho, estabelecendo também este contato da orientadora com a liderança. Por fim, o Cacique Teófilo e o Vice-cacique Juninho declararam que a professora/mestranda estava liberada para iniciar o projeto, afirmando estar a aldeia de portas abertas para quando ela quiser iniciar o trabalho. Ficou acordado que a frequência seria semanal, mas sem impedimento de serem feitas alterações, tanto em relação à frequência quanto ao período.

Diante do exposto, a mestranda pretende iniciar as observações participativas e vivências compartilhadas, no decurso das aulas que ocorrem na escola, durante o período de no mínimo quatro meses. Deste modo, não se pretende partir de ideias pré-concebidas sobre o conteúdo e o formato do material pedagógico a ser elaborado, e sim, pretende-se ir construindo essas ideias no contato e na convivência com as crianças e professores, em seu cotidiano escolar. Conforme explica Beineke (2017), é necessário que se desenvolvam propostas de pesquisa, de ação e formação de professores que compreendam, respeitem e valorizem as experiências, discursos e pontos de vista das crianças, dando-lhes a oportunidade e reconhecendo-os como protagonistas de seus próprios processos de aprendizagem. Desta forma esta pesquisa pretende não só ouvir as crianças Mbya, mas produzir em conjunto com elas e seus professores indígenas suas músicas, histórias e brincadeiras em forma de material didático. A pesquisa prevê também que as crianças não indígenas participem de algum modo da elaboração do trabalho, expondo suas dúvidas e curiosidades sobre o cotidiano na escola. Essa ideia poderá ser potencializada através de encontros entre as crianças indígenas e não indígenas, nos quais elas poderão, ao seu modo, compartilhar músicas, histórias e saberes.

Considerações finais

Espera-se que, no final deste projeto, possa ser produzido um material didático que contribua com a área de educação musical, à medida que colabore com a ampliação da capacidade de perceber o outro no mundo, no cumprimento da função de professor, apresentando o mundo ao estudante, no caso, o mundo das crianças da etnia Mybia guarani do Morro dos Cavalos e as relações que estabelecem com a música. Na intenção de produzir um trabalho co-participativo, espera-se também que as crianças Mbya possam se ver nele, após finalizado.

Nesse sentido, apresentar um material didático produzido com e pelas crianças Mbya, visa escutar e compreender seus pontos de vista, oportunizando que elas contem, compartilhem suas histórias, brincadeiras e músicas. Desse modo, espera-se que este material contribua com o professor da escola básica, principalmente na disciplina de artes e, mais especificamente, na educação musical. Espera-se também que o projeto desperte nas crianças não indígenas curiosidade pelas culturas existentes ao nosso redor. Partindo do pressuposto que apresentar diferentes culturas oportuniza libertação de preconceitos, dos estereótipos outrora criados, possibilitando uma ampliação da percepção do outro, passando a respeitar as diferenças, melhorando a convivência e estimulando a formação de cidadãos abertos a diferentes formas de ver o mundo.

Referências

ALMEIDA, Maria Berenice; PUCCI Magda Dourado. Há espaço para as músicas indígenas em um Brasil multicultural? - a inserção do repertório indígena na educação musical. VIII ENCONTRO REGIONAL NORTE DA ABEM. Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento. Rio Branco, novembro de 2014.

BEINEKE, Viviane. Músicas, crianças e educação: paradigmas de pesquisa, ação e formação. *Orfeu*, v. 2, n. 2, 2017, p. 4-12.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. LEI Nº 11.645, DE 10 DE MARÇO DE 2008 Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11645-10-marco-2008-572787-publicacaooriginal-96087-pl.html>>. Acesso em: 14 nov.2018.

BRASIL. IBGE. Censo Demográfico, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-populacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>. Acesso em: 07 fev.2019.

BRASIL. *Povos Indígenas do Brasil*. Socioambiental 2008, Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani> acesso em : 06/05/2019.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu Ensino*. 2ª Edição. Porto Alegre: Sulina, 2012.

A percussão nas aulas de Música: compreendendo e ampliando o uso destes instrumentos na sala de aula

Rafael Martins Gonçalves
Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis
rafael.goncalves@prof.pmf.sc.gov.br

Rodrigo Cantos Savelli Gomes
Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis
rodrigocantos@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem a intenção de compartilhar um recorte de uma pesquisa de mestrado (GONÇALVES, 2016) realizada pelo programa PROF-ARTES/UDESC cujo objetivo era conhecer como professores de Música compreendem e fazem uso da percussão em suas aulas. A pesquisa apresenta uma abordagem metodológica de caráter qualitativo, com a participação de quatro professores que atuam em diferentes sistemas educacionais e em diversos anos escolares do Ensino Fundamental na região da Grande Florianópolis - SC. Como ferramenta de coleta de dados optou-se pela entrevista semiestruturada. Os dados de cada entrevista foram organizados individualmente e posteriormente tratados de forma conjunta, buscando elementos comuns e elementos específicos trazidos pelos participantes. Para análise e interpretação dos dados buscou-se dialogar com a literatura da área a fim de identificar as estratégias utilizadas em variados contextos, bem como rotinas, metodologias e ações adotadas pelos diversos profissionais envolvidos com a percussão e a educação musical. Este artigo em questão busca apresentar como os professores compreendem os instrumentos de percussão, bem como fazem uso dos mesmos em suas aulas apesar de não se identificarem exclusivamente como percussionistas em suas práticas musicais extra escolares.

Palavras-chave: Educação Musical, Percussão, Professores de Música, Música no Ensino Fundamental.

Introdução

Atuando como professor de Música na Educação Básica desde 2008, e em função de minha formação como músico (baterista/ percussionista), acabei por enfatizar atividades na sala de aula que envolvessem a percussão. Passei a observar de que maneira seria possível trabalhar com a percussão nas aulas de Música no Ensino Fundamental para além do ensino de instrumento.

Como apontado por Boudler (apud PAIVA, 2004, p. 27), a percussão contemporânea engloba “tudo aquilo que pode produzir som. Uma folha de zinco ou qualquer produtor de som que pode ser interpretado como instrumento em potencial”. Há ainda que se considerar como percussão os sons produzidos através do corpo, a percussão corporal (*bodypercussion*), amplamente utilizada e difundida no Brasil pelo Grupo Barbatuques, por exemplo. Todas essas inovações ampliam nossas formas de entender a música e, por consequência, o trabalho que pode vir a ser realizado na educação musical visando a formação do estudante.

A música produzida a partir do século XX também colaborou para a ampliação de formas de se fazer música, bem como para a utilização de novos instrumentos e sons nos mais variados conjuntos. Além dos instrumentos já existentes de diversas culturas, objetos foram incorporados a grupos musicais. O surgimento de novas tecnologias também possibilitou a criação de instrumentos, bem como a manipulação de seus sons.

Com o passar do tempo comecei a conhecer melhor grupos que utilizam muito a percussão em suas performances, fazendo uso de instrumentos tradicionais ou não, como STOMP, Mayumana, Grupo Barbatuques, Grupo de Percussão de Itajaí, dentre outros. Suas peças exploram diversas sonoridades desses instrumentos, diferentes maneiras de tocá-los e uma busca por novos timbres provenientes de instrumentos tradicionais, do próprio corpo ou dos mais variados objetos do cotidiano.

A facilidade na manipulação e obtenção de sons de alguns instrumentos da família da percussão pode ser apontada como uma alternativa motivadora para a realização do trabalho a ser realizado em sala de aula. Além disto, o uso e a exploração de sons diversos a partir do corpo e a utilização de objetos do cotidiano ou materiais alternativos para a realização de arranjos musicais variados tornam-se também recursos para as aulas de música. Outra opção para as atividades em sala é a própria confecção e utilização de objetos de uma maneira percussiva, inclusive pela exploração sonora proveniente deles.

A partir desta diversidade de abordagens do uso da percussão a questão central da dissertação foi estabelecida como: De que maneira a percussão é compreendida e utilizada nas aulas de Música por professores que atuam no Ensino Fundamental?

O objetivo geral da pesquisa foi conhecer como professores de Música compreendem o uso da percussão em suas aulas. E como objetivos específicos foram

pontuados: 1) entender a concepção de percussão dos professores de Música; 2) analisar quais conteúdos da aula de Música são trabalhados com a percussão; 3) discutir a relevância da percussão nas aulas de Música no Ensino Fundamental na perspectiva dos professores participantes. Para este artigo foi feito um recorte contemplando prioritariamente o primeiro objetivo específico da pesquisa em questão (entender a concepção de percussão dos professores de Música), dialogando recortes das falas dos professores retirados das entrevistas com a literatura da área.

Para este trabalho apresentarei as concepções de quatro professores de Música (sem identificar idade ou gênero, nomeados apenas como Professor 1, 2, 3 e 4) sobre a percussão, numa proposição de debate com ideias apresentadas em outras pesquisas que exploram o tema, buscando abordar como é entendido o uso da percussão na sala de aula, em suas aulas de Música.

Espero com este estudo, a partir da análise e reflexão de como estes professores de Música abordam estes instrumentos, ajudar a ampliar possibilidades de utilização da percussão nas aulas de Música do Ensino Fundamental, bem como colaborar para ampliação de pesquisas na área de educação musical que tratem do uso da percussão na escola (visando as atividades práticas de sala de aula) no contexto das aulas de Música do Ensino Fundamental.

A percussão nas aulas de Música no Ensino Fundamental

Além dos instrumentos tradicionais de percussão, os quatro professores participantes da pesquisa têm o entendimento da possibilidade de utilização de outros recursos para o trabalho com percussão na escola. Apresentados tanto pelos professores quanto pela literatura, outros recursos utilizados para práticas musicais seriam os sons provenientes da percussão corporal, os objetos do cotidiano e os instrumentos não convencionais, podendo haver diferentes nomenclaturas para estes e inclusive alguns construídos a partir de materiais reutilizados.

Vale também destacar que mesmo alguns professores participantes desta pesquisa não se identificando exclusivamente como percussionistas, todos fazem uso da percussão em suas aulas de Música na escola, onde os objetivos propostos não são voltados à

formação do músico instrumentista. O contato com materiais próprios para o ensino de percussão, bem como o estudo e vivências com esses instrumentos, pode contribuir para que o professor de Música, no Ensino Fundamental, possa ter outras abordagens em suas aulas. Entende-se aqui que a formação do instrumentista/ músico percussionista acaba contemplando conteúdos e metodologias próprios, assim como diversas estratégias e especificidades da performance, para além daqueles exemplificados pelos participantes para a sala de aula.

A partir dos relatos participantes constatou-se que nas escolas públicas em que estão lecionado há mais instrumentos de percussão disponíveis para as aulas de Música do que nas escolas particulares. Por vezes, o professor utiliza ainda instrumentos próprios para auxiliar no seu trabalho em sala bem como para oportunizar aos alunos o contato com outros instrumentos além dos disponíveis no acervo escolar em que se encontram. Instrumentos sinfônicos (como tímpano, bumbo sinfônico, pratos) e de altura definida (como vibrafone, glockenspiel, marimba, carrilhão de sinos) tornam-se raros nas escolas restringindo além do contato dos alunos com este universo variado da percussão outras abordagens metodológicas e de conteúdos.

Cada professor de acordo com seu contexto (e suas habilidades técnicas) acaba possuindo um conjunto de instrumentos visando resolver suas demandas e os objetivos das aulas, buscando maneiras de adequar os recursos disponíveis para a realização de um trabalho musical. Isto vai ao encontro do que Puerari (2011, p. 89) destaca, de maneira que os materiais e ações dos professores nas escolas acabam se diferenciando também por suas “ideias e práticas sobre o que, como e para que ensinar e aprender, tradições e rotinas, interesses e necessidades, condições institucionais e organizacionais”.

O professor pode adotar metodologias e estratégias para suas aulas, de acordo com os objetivos planejados e sua experiência com estes instrumentos, buscando sempre ultrapassar uma abordagem inicial dos elementos do som, células rítmicas e estilos musicais. De modo geral, nas atividades com a percussão na escola pode-se também buscar explorar questões de arranjo e forma musical, além de todo o trabalho de composição e criação sonora a partir desses instrumentos.

Com base nos dados coletados nas entrevistas foi possível enumerar diversos instrumentos de percussão disponíveis nas escolas, inclusive há instrumentos comuns dentre

os listados nos relatos dos professores participantes. Instrumentos como o pandeiro, os chocalhos e algum exemplar de tambor grave (surdo, alfaia, rebolo, zabumba, etc.) sempre se encontram presentes nas escolas a partir das falas dos professores, mesmo estes atuando em segmentos diferentes do Ensino Fundamental (anos finais e anos iniciais). Entretanto não houve uma identificação de quais seriam os instrumentos de percussão necessários para o trabalho de sala de aula.

Assim como o canto, a percussão corporal acaba por ser uma boa alternativa para o trabalho em sala de aula, principalmente por não depender de muitos recursos para sua realização. Em uma realidade singular como ocorre em cada escola, o uso deste recurso pode ser uma boa possibilidade para a prática musical fazendo uso da percussão. Desta forma apresenta-se também como um rico recurso para trabalhar questões de exploração sonora.

A percussão corporal foi listada pelos professores participantes da pesquisa também como um recurso para as aulas de Música, sendo que apenas o Professor 2 relatou que ainda não faz uso de percussão corporal pois não se sente seguro para tal. Com relação aos sons provenientes da percussão com a voz, ampliando o conceito de percussão corporal como abordado pelo grupo Barbatuques, o Professor 3 dá destaque ao recurso que utiliza, o *beatbox*: “adoro *beatbox*, a garotada adora também”.

Como abordado na introdução deste artigo, um entendimento mais contemporâneo de percussão abre espaço para considerar qualquer objeto produtor de som como um instrumento em potencial (BOUDLER apud PAIVA, 2004, p. 27). Neste sentido, é possível utilizar qualquer objeto para se trabalhar com percussão na sala de aula. Por vezes este ‘qualquer objeto’ pode ser abordado na literatura com outros termos como ‘objeto do cotidiano’, ou ainda, após receber algumas adaptações, ‘instrumentos não convencionais’, dentre outros.

Sobre a percussão com objetos do cotidiano e pensando em um espaço como o da sala de aula, o Professor 3 destaca em sua fala: “qualquer coisa esticada, qualquer estrutura lisa, enfim, qualquer superfície você tem a batida e um som (...). Tem vezes que a percussão é no chão. (...) se usa o teto, o chão, a mesa do professor, o ferro da cadeira”, uma carteira, ou um caderno como possibilidades para se fazer uso da percussão.

No intuito de ter matéria prima para utilizar como instrumentos em suas aulas, o Professor 3 declara que “junta copinho, junta papel, junta plástico, junta tubo de refrigerante”. Esta prática também é compartilhada pelo Professor 1, destacando que pode-se “buscar materiais recicláveis” para este fim: “são opções também que a gente precisa estar sempre atento” para desenvolver o trabalho em sala. Cita o exemplo do uso do espiral do “caderno pra fazer um reco-reco”. O Professor 2 também expõe suas experiências neste sentido: “Já fiz chocalho com reciclagem com os (alunos) pequenos”.

Para atividades de performance musical em suas aulas com os alunos dos anos finais, o Professor 2 incentiva o uso de instrumentos não convencionais como uma forma “de usar balde, de usar caneta, (...) fazer xilofone de água de garrafas, com copos”. Uma das maneiras de comprovar que estes objetos realmente são para fins musicais, segundo o Professor 2, é o fato de que os alunos “quando apresentam uma música, têm que tocar o instrumento que eles criam”.

Em seu artigo, Souza (2013, p. 199) cita livros que abordam a ideia da “manipulação de objetos com o objetivo de fazer e aprender música”. O Professor 1 faz referência a um livro nesta temática: “eu pego muitas ideias desse material, o *Colherim*, do Estêvão Marques (2013), que eu acho um trabalho muito legal”. O Professor 4 destaca que em sua prática faz uso de ideias propostas no livro *Lenga la lenga*, de Viviane Beineke e Sérgio Freitas (2006), abordando os diferentes sons produzidos pela exploração sonora de objetos, principalmente os copos, combinados com outros instrumentos para a prática musical.

É interessante mencionar que muitas vezes o uso da percussão em sala de aula se faz para além da abordagem a conteúdos relacionados ao pulso, andamento, intensidade. Como exemplo, fazendo referência ao conceito de duração, há a fala do Professor 2 :“Eu posso (bater) no pandeiro, (...) bater uma vez no tambor (surdo), (e perceber) se o tambor vai vibrar mais ou vibrar menos, se o som é longo ou curto”, através de comparações diretas entre os sons produzidos pelos instrumentos.

Mesmo que grande parte dos instrumentos de percussão não possua uma altura específica esta questão foi também apontada como algo trabalhado nas aulas de Música com estes instrumentos. O Professor 2, relatando uma atividade onde os alunos deveriam perceber “qual (...) instrumento vai ser o mais agudo que a gente tem (...), e qual tem o som

mais grave”, aborda o tema na perspectiva comparativa entre os diferentes instrumentos, diferenciando o grave e o agudo.

Vale ampliar esta questão de altura apontando os diferentes sons que um mesmo instrumento pode produzir. Sobre esta questões, Marcelino (2014, p. 145) destaca que no processo de transmissão oral de conhecimento, as onomatopeias solfejadas se estabelecem como um recurso para compreender e memorizar as células rítmicas. Sendo estas ‘onomatopeias’, uma maneira de ‘cantar’ os toques (com suas alturas diferentes, para além da precisão rítmica) a serem executados por cada um dos instrumentos de percussão do grupo.

Como destaca o Professor 3, para o trabalho escolar com percussão e com música de uma maneira geral, pode-se utilizar “desde a tampinha de um negócio, que vai virar um chocalho, até o recurso que é altamente sonoro que está no bolso deles”, seus aparelhos de *smartphones*. O uso destes recursos digitais é apontado também pelo Professor 1 quando afirma: “É muito fácil tu pegar uma criança hoje, dar um *tablet* com (...) um aplicativo de piano, um aplicativo de bateria”. Comenta que “está muito fácil o acesso” a estes recursos, inclusive pelo próprio aparelho de *smartphone*, e acrescenta que “a gente (professor) tem que inserir eles (alunos) nisso aí”, nesta cultura digital, percussiva e musical também na escola.

É interessante acrescentar o que o Professor 3 apresenta quando é questionado sobre os recursos disponíveis para suas aulas na escola. Lista o teclado “como instrumento não originalmente de percussão, mas que (...) propicia a percussão”. Justifica esta fala afirmando: “ativo estes recursos (timbres) de percussão” no teclado, bem como “as bases rítmicas que o instrumento apresenta”, demonstrando como vê possível utilizá-lo também de forma percussiva. A partir desta fala podemos perceber uma ampliação do entendimento do que é percussão e de seu uso na escola. Incluímos assim sons eletrônicos trabalhados de maneira percussiva, recursos comumente presentes em instrumentos desta natureza, como bateria e percussão eletrônica/digital (como o *octapad*, por exemplo). Estes sons são amplamente utilizados na música *pop* atual, incluindo estilos como *rap*, *funk* e *hip-hop*, porém nem sempre presentes nas salas de aula.

O uso dos mais diversos recursos só tende a acrescentar à educação musical escolar. Entender que qualquer objeto pode ser produtor de som (e isto poder ser utilizado para

fazer música) é tão importante quanto perceber os recursos disponíveis por meio de aparelhos eletrônicos e toda a tecnologia existente. Fazer uso destes recursos, bem como de áudios e vídeos (seja para exemplificar e ilustrar ou como *playback* para auxiliar momentos de prática) só agregam possibilidades para tornar o ensino da Música na escola mais significativo, tanto para os alunos quanto para os professores.

Considerações Finais

A pesquisa com abordagem qualitativa permitiu entender as concepções dos professores participantes sobre os instrumentos de percussão e a maneira como são utilizados em suas aulas, bem como conhecer os contextos onde atuam .

A partir da análise dos dados, os resultados apontaram para diversas formas de se abordar o uso da percussão na escola de Ensino Fundamental. Em geral é impossível indicar uma única maneira ou ter certeza plena dos produtos finais no trabalho com estes instrumentos para ensino da Música, entendendo que cada professor é um ser único e o fato de cada escola ter suas singularidades.

O uso da percussão certamente é pertinente ao trabalho realizado no contexto escolar. O que pode ser destacado, primeiramente, é a facilidade do uso da percussão para atividades de prática musical. Seja pela variedade de timbres (dos instrumentos, corpo e/ou objetos) ou pela facilidade de práticas musicais significativas de maneira coletiva, estes instrumentos agregam possibilidades diversas para a musicalização na escola.

Questões relacionadas à pulsação e às células rítmicas de diversos estilos musicais ainda são as que aparecem com mais frequência nos discursos dos professores participantes. Dentre os elementos do som (altura, duração, intensidade e timbre), talvez questões relacionadas à afinação pudessem ser melhor exploradas se houvessem outros instrumentos disponíveis na escola. Vários conteúdos da aula de Música podem ser abordados fazendo-se uso da percussão.

Propostas explorando o som do corpo, de objetos ou de instrumentos tradicionais demonstram que para um primeiro contato com a música estes instrumentos apresentam resultados musicais satisfatórios, um aspecto muito importante inclusive para trabalhar a motivação dos alunos. Percebe-se que na visão dos professores participantes da pesquisa

são evidentes as possibilidades sonoras por meio do corpo e de objetos do cotidiano para a realização de práticas musicais.

A percussão é trabalhada de maneira coletiva em vários contextos. Dinâmicas utilizadas em grupos de percussão, com diversas linhas rítmicas simultâneas se completando, pode ser mais uma alternativa de abordagem para a sala de aula. Em momentos de performance diversos tipos de instrumentos desta família são executados simultaneamente e todos têm seu grau de importância e complexidade, porém se conectam de maneira interdependentes para o resultado sonoro desejado. É preciso escutar, entender, respeitar e dialogar com o outro. Este aspecto pode ser transferido para práticas no contexto escolar.

Na cultura popular, são diversas as manifestações que envolvem a percussão. Por vezes, o aprender se dá nos momentos da prática, da apresentação, sem exatamente haver um ensino formalizado de como executar os instrumentos. Utilizar o corpo para se fazer música e perceber a relação dos movimentos para este fim, faz com que o ensino musical escolar também dialogue com os saberes da cultura popular, valorizando, inclusive, o respeito ao diferente. Em um ensino formal como ocorrido na escola, muitas vezes baseado na transmissão de conhecimentos pela escrita, estas práticas de ensino se mostram como alternativas para romper com a hierarquia dos conhecimentos e ampliar formas de ensino da Música.

Instrumentos percussivos afinados (de altura definida, ‘temperada’) como o xilofone, os tubos percussivos afinados e outros instrumentos de teclado (como o metalofone, glockenspiel e/ou a lira marcial que fazem parte inclusive do conjunto instrumental de bandas) poderiam estar mais presentes no ambiente escolar, onde o comum é encontrarmos membranofones e idiofones presentes nos grupos de manifestações da cultura popular. Aumentar a variedade, a qualidade e a quantidade destes materiais para o trabalho em sala de aula poderia ampliar as atividades desenvolvidas e as formas de se trabalhar os conteúdos.

Recursos tecnológicos que exploram sons e timbres diversos, seja por meio de um *smartphone*, por um instrumento digital ou através de um acompanhamento gravado (rítmico e/ou harmônico), apresentam-se ainda pouco utilizados nas aulas dos professores participantes desta pesquisa. Entretanto, o trabalho com estes recursos e com os

instrumentos tradicionais de percussão em sala muitas vezes fica limitado pela habilidade do professor, até mesmo pela falta de vivências musicais para ampliar as maneiras de utilizá-los.

Assim, a formação do professor também é uma questão que está relacionada à ampliação do uso da percussão na escola. O professor precisa ter segurança e propriedade no que faz, mesmo que tenha um espaço adequado e instrumentos à disposição. Disciplinas e práticas durante a graduação, a formação continuada, oficinas e cursos específicos para um aprimoramento de questões técnicas, contato com metodologias diversas e materiais didáticos de qualidade, vivências com estes instrumentos e experiências em diferentes contextos podem agregar ao trabalho deste profissional, refletindo em sua atuação no espaço escolar.

Sendo assim, espero que este trabalho ajude na ampliação da compreensão de possibilidades de uso da percussão no ensino curricular de Música. E considerando aspectos que surgiram no decorrer das análises, que futuras pesquisas por este mesmo viés da percussão envolvendo temas como o papel da formação dos professores, o diálogo entre a escola e as práticas sociais, a elaboração e análise de materiais didáticos para o contexto escolar continuem sendo abordados por professores pesquisadores que atuam no âmbito da educação básica.

Referências

BEINEKE, Viviane; FREITAS, Sergio P. R. *Lenga la Lenga: jogos de mãos e copos*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2006.

MARCELINO, André Felipe. Grupo de maracatu Arrasta Ilha: dinâmicas de aprendizagem musical em uma comunidade de prática. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MARQUES, Estevão. *Colherim: ritmos brasileiros da dança percussiva das colheres*. São Paulo: Peirópolis, 2013.

GONÇALVES, Rafael Martins. Perspectivas de professores de Música sobre o uso da percussão no Ensino Fundamental. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

PAIVA, Rodrigo Gudin. Percussão: uma abordagem integradora nos processos de ensino aprendizagem desses instrumentos. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

PUERARI, Márcia. Ensinar Música na Educação Básica: um estudo de caso sobre o processo de escolarização da Música na perspectiva de uma professora. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SOUZA, Jusamara. Aprendendo Música com objetos do cotidiano: experiências criativas. In: *Journal for Educators, Teachers and Trainers*, Vol. 5, 2013.